

Apresentação

Abordando o mundo antigo: algumas possibilidades e trajetórias interpretativas

O estudo do mundo antigo vem passando por profundas transformações. Os artigos reunidos no presente dossiê oferecem uma pequena amostragem de diferentes perspectivas, temáticas, problemáticas, abordagens e questões que se configuram na área de História Antiga atualmente. Trata-se de um conjunto de contribuições que, apesar de diversificadas e heterogêneas em termos de escopo e assunto, têm em comum o status de formar um apanhado razoavelmente representativo de algumas novas direções em que o estudo histórico da antiguidade vem caminhando, também em vista de suas conexões interdisciplinares.

O interesse historiográfico nos problemas socioambientais do passado tem se intensificado em anos recentes, no contexto de crise ecológica global em que nos encontramos. O artigo de César Aquino sobre descrições de secas em autores gregos do período clássico (Heródoto principalmente, e em menor medida, Tucídides, Xenofonte e Políbio) oferece uma contribuição importante para a nossa compreensão da maneira como eram percebidos, na Grécia antiga, os fenômenos climático-ambientais de queda de pluviosidade e falta d'água: o autor discute quais conceitos eram empregados para conceber e descrever esses fenômenos, bem como em que medida essas descrições, narrativas e representações nos informam sobre as culturas e sociedades em que foram produzidas, tanto em termos da relação com o meio-ambiente quanto em termos de outros aspectos sociais e culturais que caracterizam esses contextos históricos.

O artigo de Ívina Silva Guimarães é também focado no recorte cronológico e geográfico convencionalmente conhecido como “Grécia clássica”, de acordo com a periodização tradicional. Porém, o artigo remete a toda uma outra constelação de problemáticas históricas, a saber: as maneiras em que as musas -

consideradas aquelas personagens basilares da literatura grega antiga - foram diversamente imaginadas, pensadas, construídas e representadas em textos literários gregos de diferentes épocas e gêneros, desde a poesia épica de Homero e Hesíodo, até as reflexões filosóficas de Platão, passando por todo o corpus de produções em prosa e em verso do século 5 a.C., momento no qual a discussão de Guimarães tende a se concentrar. Ao reunir e examinar tais testemunhos literários, Guimarães consegue identificar variações e possíveis mudanças históricas na maneira como as musas eram imaginadas culturalmente e literariamente. Além disso, o artigo coteja representações escritas/textuais com representações visuais das musas em vestígios imagéticos e arqueológicos dos períodos em questão, o que permite que a autora identifique possíveis correspondências e discrepâncias entre os registros, dando margem para reflexões continuadas a respeito das implicações históricas de tais achados.

O artigo de Cláudio Duarte aproxima-se ao de Ívina Guimarães no que se refere à atenção dada a fontes visuais e materiais. No caso do estudo de Duarte, o objeto da análise é um conjunto de motivos iconográficos que caracterizam a produção visual paleocristã. Em sintonia com discussões sobre conectividades e globalizações na História pré-moderna, a abordagem de Duarte salienta oportunamente o aspecto móvel de tais motivos iconográficos, inserindo-os em suas redes de contratos e de circulações de pessoas, bens, ideias e representações visuais no contexto profundamente interligado do Mediterrâneo. Ao privilegiar a dimensão dos trânsitos de longa distância, o artigo alinha-se a tendências recentes na historiografia contemporânea no sentido de desenvolver e testar metodologias de pesquisa que ultrapassem os limites tradicionais de recortes geográficos nacionalistas, voltando-se mais efetivamente para a produção de conhecimento histórico que atravessa fronteiras nacionais. O Mediterrâneo, como é bem sabido, oferece um laboratório ideal para esse tipo de abordagem, de modo que a escolha metodológica de Duarte faz bastante sentido e gera resultados profícuos.

Travessias de fronteiras são também relevantes para a reflexão desenvolvida por Laís Pazzetti Machado, na sua contribuição que fecha o dossiê; porém, as travessias em questão se dão não no espaço, mas no tempo: mais especificamente, trata-se de uma análise das apropriações e dos usos que o filósofo francês setecentista Voltaire faz de narrativas míticas da antiguidade grega. Machado foca sua análise nas leituras e interpretações de Voltaire a respeito de mitos envolvendo as figuras de Psique, Pandora e as musas - essas últimas fornecendo um elo temático com o artigo de Guimarães mencionado acima. Ao transitar entre os séculos que separam Voltaire do contexto grego antigo em que as narrativas mitológicas em questão originalmente circularam, Pazzetti desenvolve um estudo dinâmico que explora o caráter constantemente construído (e reconstruído) do passado.

Não se faz História sem abstrações, seleções e pressupostos; recortes devem ser questionados e renovados. O passado só pode ser estudado indiretamente, através dos vestígios que dele restaram e que chegaram até nós, mais ou menos fortuitamente. Tais vestígios, entretanto, não nos dão uma imagem completa da realidade passada que buscamos compreender: muitas práticas, ideias, visões e realidades não deixaram vestígio algum e, portanto, são totalmente desconhecidas, embora pudessem ser importantes originalmente. O problema é especialmente premente no estudo do mundo antigo, que é particularmente distante de nós no tempo e no espaço: os vestígios que sobreviveram são especialmente poucos, fragmentários e ambíguos. As quatro contribuições aqui reunidas, variadas como são, todas apontam - cada uma à sua maneira - para possibilidades interpretativas em pauta.

Rafael Scopacasa (DH-FFLCH-USP)